

*O que foi é o que há de ser,  
e o que se fez, isso se tornará a fazer,  
não há nada de novo debaixo do sol.*

Eclesiastes 1:9

*Em tempos sombrios  
ouvir-se-á também cantar?  
Sim, ouvir-se-á também cantar.  
Sobre os tempos sombrios.*

Bertolt Brecht



# 1

A noite caiu e ela não ouviu a batida na porta, parada à janela a contemplar o jardim lá fora. A maneira como a escuridão abraça em silêncio as cerejeiras. Envolve as folhas que ainda restam e as folhas não oferecem resistência à escuridão, aceitando a escuridão com um sussurro. Cansada agora, com o dia quase para trás das costas, tudo o que ainda falta fazer antes da hora de deitar e as crianças sossegadas na sala de estar, a sensação de pausa momentânea diante da janela. Observando o jardim que escurece e a vontade de fazer parte dessa escuridão, de sair para o exterior e deitar-se com ela, deitar-se com as folhas caídas e deixar-se cobrir pela noite, depois acordar com a aurora e levantar-se revigorada com a chegada da manhã. Mas a batida na porta. Ela ouve-a passar a pensamento, a pancada forte e insistente, cada batida tão carregada da pessoa que bate que ela franze o sobrolho. Então também Bailey está a bater na porta de vidro que dá para a cozinha, chama-a, mãe, apontando para a entrada sem tirar os olhos do ecrã. Eilish dá por si a dirigir-se para a entrada com o bebé nos braços, abre a porta da frente e vê dois homens quase sem rosto na escuridão do outro lado do vidro do alpendre fechado. Acende a luz e de imediato reconhece-os pela postura, o ar frio da noite parecendo soltar um suspiro quando ela desliza a porta de vidro para o lado, o silêncio suburbano, a chuva caindo em surdina na St. Laurence Street, em cima do carro preto estacionado diante da casa. Os homens parecem trazer neles a sensação da noite. Ela observa-os do

abrigo do seu próprio sentimento de proteção, o jovem à esquerda a perguntar se o marido dela está em casa, e há algo na maneira como ele a olha, o olhar distante mas ao mesmo tempo escrutinador que dá a ideia de estar a tentar agarrar algo dentro dela. Numa fração de segundo ela perscrutou a rua de uma ponta à outra, vislumbrando um transeunte solitário debaixo de um chapéu de chuva a passear um cão, os salgueiros a balouçarem à chuva, o tremeluzir da luz estroboscópica de um televisor grande na casa dos Zajacs do outro lado da rua. Então recompõe-se, quase soltando uma risada, esse reflexo de culpa universal quando a polícia nos bate à porta. Ben começa a esperar nos seus braços e o polícia à paisana mais velho à sua direita fita a criança, a expressão dele parece suavizar e por isso ela escolhe dirigir-se-lhe. Percebe que ele também é pai, essas coisas veem-se logo, o outro tipo é demasiado novo, demasiado arranjado e empertigado, ela começa a falar consciente de um ligeiro fraquejar da voz. Daqui a pouco já estará em casa, dentro de mais ou menos uma hora, quer que lhe ligue? Não, não há necessidade disso, Sra. Stack, quando ele chegar pode pedir-lhe que nos contacte assim que puder, aqui tem o meu cartão. Trate-me por Eilish, por favor, é alguma coisa em que eu possa ajudar? Infelizmente não, Sra. Stack, é algo que só diz respeito ao seu marido. O polícia à paisana mais velho exhibe um sorriso rasgado para o filho dela e por instantes ela observa-lhe as rugas à volta da boca, é uma expressão afetada pela solenidade, o rosto errado para a profissão. Não há motivos para preocupação, Sra. Stack. E por que razão haveria de me preocupar, garda? Exatamente, Sra. Stack, não queremos tomar-lhe mais tempo e já apanhámos humidade que chegue esta noite aqui a bater às portas, não vai ser fácil conseguirmos secar-nos dentro do carro. Ela fecha a porta do alpendre para o lado com o cartão ainda na mão, vendo os dois homens regressar ao carro, vendo o carro subir a rua, trava no cruzamento e os faróis traseiros acendem-se como dois olhos incandescentes. Ela torna a perscrutar a rua, que entretanto recuperou a quietude da noite, o calor do vestíbulo quando entra em casa e fecha a porta da frente e se deixa ficar a examinar o cartão dando-se conta de que tem estado a sustentar a respiração. A sensação agora de que alguma coisa entrou na casa, ela quer

pousar o bebé, quer permitir-se parar para pensar, ciente de que a coisa vinha com os dois homens e entrou no átrio por vontade própria, uma coisa sem forma mas que se sente. Ela consegue senti-lo a acompanhá-la enquanto atravessa a sala de estar onde estão os seus filhos, Molly segurando o comando do televisor acima da cabeça de Bailey, as mãos dele agitando-se no ar, vira-se para ela com um ar de súplica. Mãe, diz-lhe para voltar a pôr no programa que eu estava a ver. Eilish fecha a porta da cozinha e pousa o bebé na cadeirinha de balouço, começa a levantar da mesa o seu portátil e a agenda mas então pára e fecha os olhos. A tal sensação que entrou na casa veio atrás dela. Olha para o telemóvel e pega nele, a mão hesitante, envia uma mensagem a Larry, dá por si mais uma vez à janela a contemplar o exterior. O jardim a ser tomado pela escuridão por que ela já não anseia, pois algo dessa escuridão entrou-lhe dentro de casa.

Larry Stack anda de um lado para o outro na sala com o cartão na mão. Fita-o com o semblante carregado e depois pousa-o na mesinha de café e abana a cabeça, senta-se pesadamente na poltrona, a mão agarrando a barba enquanto ela o observa em silêncio, a apreciá-lo dessa maneira familiar, depois de uma certa idade os homens deixam crescer a barba não para entrarem na idade adulta mas para se demarcarem da juventude, ela já mal se lembra dele de rosto totalmente barbeado. Vendo-o procurar os chinelos com os pés, o rosto dele serenando no conforto da poltrona, parece estar a pensar noutra coisa até que franze o sobrolho e a expressão se lhe estende ao resto do rosto. Inclina-se para a frente e torna a pegar no cartão. Não deve ser nada, diz ele. Ela faz saltitar a criança no colo, ao mesmo tempo que o observa com atenção. Como é que não é nada, Larry, diz-me lá? Ele solta um suspiro e arrasta as costas da mão pela boca, levantando-se da poltrona, começa à procura de algo na mesa. Onde é que puseste o jornal? Deambula pela sala à procura mas sem ver, o jornal provavelmente já esquecido, está à procura de algo na sombra do seu próprio pensamento sem conseguir que se faça luz. Então vira-se e olha

atentamente para a sua mulher a amamentar a criança e essa visão reconforta-o, a vida concentrada numa imagem tão incompatível com a malícia, que a mente dele começa a recuperar a serenidade. Avança para ela e estende-lhe a mão, mas encolhe-a assim que ela o fita com um olhar incisivo. O Garda National Services Bureau, diz ela, o GNSB, não é a polícia normal, um inspetor detetive a bater-nos à porta, que querem eles de ti? Ele aponta para o teto, importas-te de falar mais baixo? Vai à cozinha a cerrar os dentes, pega num copo virado ao contrário no escorredor e abre a torneira deixando-a correr, a olhar através do seu reflexo para a escuridão lá fora, as cerejeiras já são antigas e em breve começarão a apodrecer, talvez tenham de ser abatidas na primavera. Bebe um longo gole e depois regressa à sala. Ouve, diz ele, tendo o cuidado de baixar o tom a quase um sussurro. Vais ver que não é nada, tenho a certeza. Enquanto fala, sente essa certeza dissipar-se como se tivesse despejado o copo de água para as mãos em concha. Ela vê-o entregar-se novamente ao recato da poltrona, o corpo mole, a mão saltando os vários canais de televisão num gesto automático. Ele vira-se e vê-se refém de um olhar fixo, então inclina-se para a frente e solta um suspiro, dá puxões na barba como se quisesse levantá-la do rosto. Ouve, Eilish, sabes bem como é que eles atuam, o que é que procuram, vão reunindo informação, fazem-no tão discretamente que suponho que acabemos por ter de a ceder de uma maneira ou outra, devem estar a preparar-se para ir atrás de algum professor, por isso faria todo o sentido que quisessem falar comigo, para ficarmos de sobreaviso, talvez antes de uma possível detenção, escuta, amanhã ou depois ligo-lhes para ver o que querem. Ela observa o rosto dele consciente de uma espécie de nulidade dentro de si própria, corpo e mente exigem a supremacia do sono, daí a nada subirá ao andar de cima e vestirá a camisa de noite, a contar as horas até o bebé acordar para mamar. Larry, replica ela, vendo-o retrair-se como se lhe tivesse dado um choque elétrico na mão. Disseram para ligares logo que pudesses, liga-lhes agora do telemóvel, o número está no cartão, mostra-lhes que não tens nada a esconder. Ele tem o sobrolho franzido e então respira fundo lentamente como se avaliasse algo que se agiganta à sua frente, vira-se e olha-a nos olhos, os seus semi-

cerrados em sinal de irritação. Como assim, mostrar-lhes que não tenho nada a esconder? Tu sabes o que quero dizer. Não, não sei. É só uma maneira de falar, Larry, vá lá, liga-lhes agora por favor. Porque é que és sempre tão complicada, diz ele, ouve, não vou ligar-lhes a uma hora destas. Fá-lo agora, Larry, por favor, não quero o GNSB a ensonbrar-nos outra vez a porta, tu ouves o que se diz por aí, o tipo de coisas que dizem andar a passar-se nos últimos meses. Larry inclina-se para a frente na poltrona aparentemente sem conseguir levantar-se, franze as sobrancelhas e então avança na direção dela, tira-lhe o bebé dos braços. Por favor, Eilish, ouve o que te digo, o respeito funciona nos dois sentidos, eles sabem que sou um homem ocupado, sou o secretário-geral-adjunto do Sindicato dos Professores da Irlanda, não estou propriamente à disposição deles. Isso é tudo muito bonito, Larry, mas porque é que nos bateram à porta a uma hora destas, em vez de terem ido ao teu escritório durante o dia, explica-me lá. Ouve, querida, amanhã ou depois ligo-lhes, podemos esquecer este assunto o resto da noite? O corpo dele permanece de pé diante dela apesar de os olhos se terem desviado para o televisor. São nove da noite, diz ele, quero ouvir as notícias, porque é que o Mark ainda não está em casa? Ela está a olhar para a porta, a garra do sono a segurá-la pela cintura, aproxima-se de Larry e tira-lhe o bebé dos braços. Não faço ideia, responde-lhe, já desisti de andar atrás dele, hoje tinha treino de futebol e o mais certo é ter ido jantar a casa de um amigo, ou se calhar foi para casa da Samantha, nos últimos tempos são inseparáveis, não percebo o que é que vê nela.

Enquanto atravessa a cidade de carro começa a ficar irritado consigo próprio, a maneira como a mente divaga para uma coisa e depois para outra, insistindo em algo que ele procura mas de que sente necessidade de se afastar. A voz ao telefone soou tão descontraída, quase educada, peço desculpa pela hora tardia, Sr. Stack, não lhe tomaremos muito tempo. Ele estaciona numa rua muito próxima da Esquadra da Garda na Kevin Street, recordando como era essa rua

principal na maior parte das noites, muito mais movimentada sem dúvida, essa cidade que nos últimos tempos começou a ficar demasiado sossegada. Ao dirigir-se para a receção dá-se conta de estar a cerrar os dentes e relaxa o maxilar para sorrir, pensando nos filhos, de certeza que Bailey deu por ele sair de casa, aquele miúdo é todo ouvidos. Observa a mão pálida e sardenta do agente de serviço que fala de maneira inaudível ao telefone. É recebido por um jovem detetive magro e dinâmico vestido de camisa e gravata, o rosto pálido e circunspecto, compatível com a voz do outro lado da chamada pouco tempo antes. Obrigado por ter vindo, Sr. Stack, acompanhe-me por favor, faremos o possível para não lhe tomarmos demasiado tempo. Ele segue-o por uma escada de metal e depois por um longo corredor cheio de portas fechadas até uma sala de interrogatório com cadeiras cinzentas e paredes revestidas com painéis cinzentos e tudo com um aspeto novo, a porta é fechada e ele é deixado sozinho. Senta-se e baixa os olhos para as mãos. Consulta o telemóvel e depois põe-se de pé e anda pela sala, sentindo-se algo ameaçado e em desvantagem, aquilo é uma falta de respeito, já passa bastante das dez da noite. Quando entram na sala ele descruza os braços, puxa uma cadeira com gestos vagarosos e senta-se, olhando para o mesmo agente magro e para outro da sua idade e a ficar ligeiramente obeso, uma caneca na mão coberta de respingos de café. O homem fita Larry Stack com a insinuação de um sorriso, ou talvez seja apenas cordialidade instalada nas rugas à volta da sua boca. Boa noite, Sr. Stack, sou o inspetor detetive Stamp e este é o detetive Burke, posso oferecer-lhe um chá ou talvez um café? Larry olha para a caneca suja e recusa com um gesto da mão, dá por si a estudar o rosto do homem que falou, à procura de uma imagem que lhe parece reconhecer. Já o vi antes, diz ele, no futebol de Dublin não foi, jogava a médio pela UCD, deve ter jogado contra mim quando eu estava nos Gaels, naquela altura éramos imparáveis, isso foi no ano em que vos cilindrámos. O inspetor detetive olha-o fixamente, as rugas descaídas à volta da boca, o olhar meio opaco, um silêncio inescrutável a encher a divisão. Ele responde sem abanar a cabeça. Não sei do que está a falar. Agora Larry está muito consciente da sua própria voz, ouve-se a falar como se estives-



se a assistir ao interrogatório, consegue ver-se do outro lado da mesa, consegue ver-se a espiar pelo olho mágico da porta, não há outra maneira de ver o interior, nem mesmo o espelho unidirecional que geralmente se vê na televisão. Percebe uma certa artificialidade na sua voz, talvez demasiado conversadora. Era você de certeza absoluta, jogava a médio pela UCD, nunca esqueço um adversário. O agente bebe um trago da caneca e enxagua os dentes com o café, olha fixamente para Larry até este baixar o olhar para a mesa, passa um dedo sobre o verniz estalado do tampo e depois torna a erguer o olhar para o inspetor detetive. Os ossos do rosto estão mais largos, é certo, a estrutura facial agora mais robusta, mas o que os olhos dizem nunca muda. Ouça, diz ele, quero despachar isto, devia estar em casa com a minha família a preparar-me para me ir deitar, por isso digam-me lá, em que posso ajudar-vos? O detetive Burke gesticula com a mão aberta. Sr. Stack, sabemos que é um homem ocupado por isso ficamos muito contentes por podermos falar consigo, foi feita uma alegação muito séria, trata-se de uma alegação que lhe diz diretamente respeito. Larry Stack observa o olhar dos dois homens e sente a boca a ficar seca. Alguma coisa se mexe na sala, ele sente-o agora, por instantes permanece paralisado e depois ergue o olhar e vê o abobado candeeiro de teto onde uma traça se encontra presa e se debate freneticamente contra o vidro, a cúpula âmbar suja e repleta dos cadáveres de traças de outros tempos. Entretanto o detetive Burke abriu uma pasta e Larry Stack vê à sua frente as mãos sem pinga de sangue de um padre, vê uma folha impressa pousada na mesa entre eles. Larry começa a ler a folha, pestaneja lentamente e depois cerra os dentes. Passos ecoam no longo corredor e são absorvidos por uma porta que se fecha. Ouve as pancadas surdas da traça, por momentos apercebe-se de que algo dentro de si começa a definhar. Levanta a cabeça e vê o detetive Burke a observá-lo do outro lado da mesa, os olhos fitando-o como se tivessem o poder de andar livremente pelos seus pensamentos, procurando libertar de dentro dele algo que não está lá. Larry olha na direção do inspetor detetive, que agora o lê com uma expressão aberta, e então pigarreia e tenta sorrir para os dois homens. Só podem estar a brincar comigo, senhores agentes. Enquanto os fita